

PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA: O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

CONTEMPORARY PROBLEMATIZATION OF READING: THE SPACE OF THE BOOK AND NEW TECHNOLOGIES

Thiago Barbosa Soares 1

Resumo: O presente artigo objetiva problematizar a leitura nos espaços do livro e das novas tecnologias. Desde a popularização da internet e de suas ferramentas de linguagem a leitura passou e passa por transformações, porém, não ignora o espaço legado pelo livro como um acervo e uma fonte de leituras. Decorrente do aumento indelével no uso das novas tecnologias, plataformas virtuais, a leitura passou a carecer de maior observação, sobretudo, por agora possuir características ainda não tão conhecidas e poder gerar impactos imprevistos. Diante desse quadro, cotejamos vozes de distintos lugares para traçar considerações acerca da problemática contemporânea da leitura; uma dessas é de uma entrevista de Umberto Eco, uma outra de uma entrevista com presidente do Instituto para o futuro do livro, Eduardo Szklarz. Tanto uma quanto a outra nos remetem aos contrapontos realizados a partir de uma bibliografia teórica para compor a discussão qualitativamente analítica.

Palavras-chave: Leitura. Livro. Internet.

Abstract: The present article aims to problematize the reading in the spaces of the book and the new technologies. Since the popularization of the Internet and its language tools, reading has gone through transformations, but it does not ignore the space inherited by the book as a collection and a source of readings. As a result of the indelible increase in the use of new technologies, virtual platforms, reading has become more imperative, especially for the moment, it has features that are not yet well known and can generate unforeseen impacts. Before this picture, we compare voices from different places to draw up considerations about the contemporary problematic of reading; one of those is from an interview by Umberto Eco, another from an interview with the Institute's president for the future of the book, Eduardo Szklarz. Both refer to the counterpoints made from a theoretical bibliography to compose the qualitatively analytical discussion.

Keywords: Reading. Book. Internet.

Possui graduação em Letras, em Filosofia e em Psicologia, 1
especialização em Estudos Literários, mestrado e doutorado em Linguística
pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É professor nos cursos de
graduação em Letras e de pós-graduação *latu sensu* em Letras da Universidade
Federal do Tocantins (UFT) no câmpus de Porto Nacional. Tem experiência
na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso francesa, atuando
principalmente nos seguintes temas: mídia, sucesso, teoria e análise do texto.
E-mail: thiagobsoares@bol.com.br

Introdução

“É triste e ao mesmo tempo, ridículo lembrar quanta pesada humilhação, quanto vexames e sustos me trouxe a paixão da leitura, repentinamente acesa em mim!”

(M. Gorki, *Ganhando meu pão*)

“Ler não é uma trabalho qualquer” (PERISSÉ, 2005, p. 26). Dizer sobre os fenômenos relacionados à leitura na atualidade não é uma tarefa fácil, contudo é de fundamental importância pensar a respeito de como as novas tecnologias a afetam e quais seus possíveis impactos. Portanto, é justamente esse o intento do presente texto, isto é, refletir acerca de uma eventual crise na leitura a partir de um conjunto de dados levantados, entre eles: uma entrevista de Umberto Eco cedida ao jornal Estadão, em 2010, e uma matéria da revista “Superinteressante” (vide figura 1). Além desses, recorreremos a uma bibliografia teórica e analítica para compor a discussão de maneira a sustentar argumentos já empregados na seara da leitura ou, se necessário, a refutá-los. Assim, um gesto de leitura é construído para se averiguar uma hipótese de crise da leitura instaurada provavelmente por conta dos avanços tecnológicos e seus efeitos em nossa sociedade, uma vez que os caminhos contemporâneos nos levam a tal reflexão.

“O desenvolvimento das técnicas e dos meios de comunicação audiovisuais é geralmente considerado como uma concorrência séria para o livro e talvez como fato de uma mutação eventual da sua forma” (LABARRE, 1981, p. 103).

Se as novas possibilidades de leitura na tela permitem novas liberdades de leitura do texto, a generalização do formato digital trouxe também consigo o sentimento difuso de que isso constitui uma ameaça ao formato tradicional do livro. De acordo com esse sentimento, o livro digital poria em risco a sobrevivência do livro impresso, com a sua história de séculos, com a sua importância na transmissão da cultura, com suas características físicas que aprendemos a amar. Essa inquietação veio juntar-se a uma outra, que já existe há várias décadas, pelo menos no mundo ocidental: a de que existam cada vez menos leitores (BELO, 2008, p. 19).

De cada nova tecnologia de produção, reprodução e circulação de textos emergem discursos que afirmam e defendem o caráter revolucionário dessa criação no que concerne à mudança significativa de nossas práticas de escrita e de leitura, para dar o exemplo mais pontual. Surgem também discursos que, contrariamente a essa visão eufórica e progressista frente às novas tecnologias, criticam severamente as mudanças geradas por elas, que implicariam uma reviravolta radical e “degradante” de nossas práticas de linguagem. Com a emergência do computador pessoal e da internet, e das repercussões que essas criações aportam para as nossas práticas de linguagem, em particular as de escrita e as de leitura, poderíamos indagar que uma das consequências dessa emergência seria uma crise da leitura? Em que medida as novas tecnologias afetam de fato nossas práticas de linguagem? Poderíamos dizer que lemos menos e pior do que antes? Se o fazemos, por quais razões? Vivemos em uma sociedade em crise no que concerne às práticas de leitura?

Lemos menos e pior do que antes?

Em relação à primeira pergunta, embora “menos e pior” sejam termos comparativos e, portanto, referentes a grandezas relativas, em se tratando da humanidade como um todo, ou então especificamente no contexto de leitores brasileiros, é possível afirmar que se lê “mais” e, possivelmente, “melhor” do que antes, e que a internet e o avanço das novas tecnologias têm contribuído para isso. A humanidade lê “mais” pelo simples fato de que, há 100 anos havia proporcionalmente mais pessoas analfabetas no Brasil e no mundo. Mesmo com um número

significativo de analfabetos funcionais, ainda sim o número de pessoas alfabetizadas é maior em valores absolutos e estatísticos no Brasil. O mesmo pode ser dito caso se queira restringir o lapso de tempo a somente 10-20 anos (considerando-se a expansão da internet em larga escala pelo mundo).

Também é possível alegar que, ao menos dentro de um certo ponto de vista, a humanidade e/ou os brasileiros “lêem melhor” comparando-se com o quadro de 100 ou com o de 10-20 anos atrás (ZOARA, 2016). Embora a quantificação da qualidade de leitura seja algo realmente difícil de realizar, existe um índice que se mantém razoavelmente acima de qualquer suspeita. Trata-se dos textos técnicos e científicos que, em sua grande maioria, são verificados por uma equipe de especialistas qualificados antes de serem publicados. Parece, então, razoável considerar que um texto científico (independente de sua temática) tem mais qualidade, em tese, do que um texto opinativo de alguém desconhecido. Observa-se que, ao afirmar a qualidade dos textos científicos, não se está de forma alguma defendendo que o único tipo de leitura de qualidade que exista seja a leitura de um texto científico. Procuramos nos restringir a esse tipo de escrito em particular pelo fato de que esse parece ser um tipo de leitura que, na maioria dos casos, possui uma certa credibilidade e uma aprovação em determinado círculo social mais ou menos preestabelecido.

Se um texto científico tem, em geral, mais qualidade que um escrito não-científico, então basta que observemos se o público de leitores de textos científicos (graduandos, graduados, mestres, doutores, entre possíveis outros) aumentou ou diminuiu no período de tempo analisado, seja em 100 anos, seja nos últimos 10-20 anos (ibid.). Parece que não só no Brasil como em todo mundo este público só vem crescendo. Apenas esta estatística não significa necessariamente que o mundo ou os brasileiros estejam “lendo melhor”. Porém, já é um começo para responder a pergunta se “lemos menos e pior do que antes” e, por conseguinte, abrir as portas para outra.

Em que medida a nova tecnologia afeta de fato as práticas de linguagem?

Essa é, sem dúvida, uma pergunta complexa. Se, por um lado, é inegável que o advento da internet representa uma ampla disponibilização gratuita e democrática do conhecimento para a humanidade, por outro lado há o problema levantado por Umberto Eco¹ com respeito aos filtros deste saber, porquanto existe uma diferença entre o conteúdo disponível na internet e o de uma enorme biblioteca

A diferença básica é que uma biblioteca é como a memória humana, cuja função não é apenas a de conservar, mas também a de filtrar - muito embora Jorge Luis Borges, em seu livro *Ficções*, tenha criado um personagem, Funes, cuja capacidade de memória era infinita. Já a internet é como esse personagem do escritor argentino, incapaz de selecionar o que interessa - é possível encontrar lá tanto a Bíblia como *Mein Kampf*, de Hitler. Esse é o problema básico da internet: depende da capacidade de quem a consulta. Sou capaz de distinguir os sites confiáveis de filosofia, mas não os de física. Imagine então um estudante fazendo uma pesquisa sobre a 2.ª Guerra Mundial: será ele capaz de escolher o site correto? É trágico, um problema para o futuro, pois não existe ainda uma ciência para resolver isso. Depende apenas da vivência pessoal. Esse será o problema crucial da educação nos próximos anos (ECO, 2010).

Mesmo que tenha sido Umberto Eco quem disse, não significa que tenhamos que concordar com tudo aquilo que ele escreveu ou disse. Isso se aplica à tese dele sobre os filtros.

¹<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700,0.htm>

Por um lado, é preciso reconhecer a necessidade de uma filtragem de conhecimentos na educação infantil e juvenil, no sentido de evitar a exposição das crianças e jovens à pornografia, às ideologias fanatizantes (neonazismo, consumismo, fundamentalismo, etc.) e à violência excessiva. Todavia, em se tratando de um público adulto e responsável, o atual estado de ampla disponibilização gratuita e irrestrita de conhecimentos no mundo todo (seja por meios legais como a Wikipédia, seja por meios ilegais como torrents, Wikileaks, The Pirate Bay, etc.) corresponde a uma gigantesca oportunidade de amadurecimento da sociedade contemporânea.

Quando observamos a história da humanidade, vemos que em boa parte dela, o conhecimento era completamente “filtrado”, isto é, existiam algumas poucas mentes “pensantes” que decidiam quem teria acesso a que, baseados puramente em seus interesses pessoais e de classe. Para ter acesso a algum saber, era necessário submeter-se aos ditames aleatórios do grupo atualmente no poder (seja este grupo de natureza religiosa, iniciática, política, etc.), pois isso garantiria que este conhecimento não viria a ser utilizado contra os interesses deste mesmo grupo. Em outras palavras, havia um controle ideológico ferrenho por parte das classes dominantes para que seus interesses continuassem a ser atendidos e o *status quo* se mantivesse tal e qual.

Mesmo o advento da era eletrônica, com o rádio e a televisão, antes de arrefecer o culto aos meios impressos e especialmente ao livro, acabou enfatizando sua importância. A suspeita – ameaçadora para uns (letrados) e alentadora para outros (iletrados) – de que a escrita não seria mais “indispensável para saber das coisas” não se concretizou. Pelo contraste entre o facilitário da comunicação eletrônica ou da comunicação oral e a complexidade da escrita, acabam ainda sendo mais valorizados os textos impressos, os livros, em particular, e seus leitores. Estes optam pelo mais “difícil” e, por ser a escrita mais difícil de entender, seria possivelmente mais importante que os outros meios. Esse tipo de raciocínio, comum entre a população iletrada e, sem dúvida, estimulado pelos intelectuais, resulta ser um dos fatores maiores de sustentação do culto da letra e dos livros (MARTINS, 1988, p. 45-46).

A revolução tecnológica operada pela internet vem sistematicamente quebrando este paradigma conservador. Em outras palavras, a leitura sempre foi consagrada ao intelectual e ao espiritual em outras épocas, ou melhor, até ontem, mas outros eram iniciados na prática da leitura pela necessidade de diversão ou como passatempo, esses, muitas vezes, se tornavam escritores, cientistas, místicos, etc. Contudo, hoje as possibilidades são infinitamente maiores para se praticar a leitura, embora haja pessoas que ache que uma postagem no *facebook* não seja digna do ato de ler. Nos tempos atuais, vemos os esforços de pessoas como Edward Snowden, Bradley Manning e Julian Assange sendo valorizados pelos muitos países do mundo por terem contribuído para sabotar parte do controle ideológico. A desobediência explícita destes três indivíduos em relação às “regras legais” de seus respectivos países possibilitou ao mundo a descoberta de verdades inconvenientes sobre as sinistras práticas de dominação que estavam em voga por parte de governos como o dos EUA.

Nesse diapasão, o advento das modernas tecnologias de comunicação tem potencial para operar uma verdadeira revolução política, social e cultural na humanidade. Se o controle sobre o conhecimento é uma ferramenta de dominação e opressão, então podemos defender que a liberação e ampla disponibilização do conhecimento é uma ferramenta para a emancipação da humanidade. Como um argumento adicional, veja-se a exortação feita por Kant no primeiro parágrafo da sua resposta à pergunta “O que é Esclarecimento?”

O Esclarecimento é a libertação do homem de sua imaturidade (*Unmündigkeit*) auto-imposta. Imaturidade é a incapacidade de empregar seu próprio entendimento sem a orientação de outro. Tal tutela é auto-imposta quando sua causa não reside

em falta de razão, mas de determinação e coragem para usá-lo sem a direção de outro. Sapere Aude. Tenha coragem de usar sua própria mente (*Verstandes*)! Este é o lema do Esclarecimento (KANT, 2012, p. 145.).

Como esperar que a sociedade venha a caminhar com as próprias pernas quando ainda existem sujeitos e instituições que limitam e restringem o conhecimento? (isto é, toda forma de limitação: financeira, linguística, política, iniciático-religiosa, social, de gênero, etc.). Ora, aqui a leitura passa a receber uma comutação com o sentido de conhecimento; ler é, em grande medida, conhecer que, por sua, vez requer uma continuidade irrestrita de mais leituras. Líamos os livros, textos materialmente palpáveis; agora podemos ler textos virtualmente tangíveis. Portanto, o conhecimento parece se manter ainda sim sem o livro. O livro pode acabar?

Eco e o fim do livro

A entrevista de Umberto Eco cedida ao Estadão² diz a respeito de seu livro em conjunto com Jean-Phillippe de Tonac intitulado “Não Contem com o Fim do Livro”. Eco argumenta o quanto é descabida a possibilidade de o livro vir a desaparecer e afiança:

O desaparecimento do livro é uma obsessão de jornalistas, que me perguntam isso há 15 anos. Mesmo eu tendo escrito um artigo sobre o tema, continua o questionamento. O livro, para mim, é como uma colher, um machado, uma tesoura, esse tipo de objeto que, uma vez inventado, não muda jamais. Continua o mesmo e é difícil de ser substituído. O livro ainda é o meio mais fácil de transportar informação. Os eletrônicos chegaram, mas percebemos que sua vida útil não passa de dez anos. Afinal, ciência significa fazer novas experiências. Assim, quem poderia afirmar, anos atrás, que não teríamos hoje computadores capazes de ler os antigos disquetes? E que, ao contrário, temos livros que sobrevivem há mais de cinco séculos? Conversei recentemente com o diretor da Biblioteca Nacional de Paris, que me disse ter escaneado praticamente todo o seu acervo, mas manteve o original em papel, como medida de segurança (ECO, 2010).

Fica evidente o posicionamento de Eco no tocante ao livro: esse não vai desaparecer e vai continuar a exercer sua essencialidade, pois ele o compara a utensílios de fundamental importância para certas atividades. Visto isso, o escritor diz que o livro é como uma colher, um machado ou uma tesoura; disso pode resultar muitos equívocos à medida que não há nada que possa substituir esses objetos, o que não se aplica ao livro. Numa palavra, o livro vem sendo substituído, ou melhor, a materialidade é outra, portanto, esse argumento de Eco não tem tanta força. Embora o que o escritor quer afirmar é muito simples: o livro é a via mais prática de acesso às informações, sobretudo por possuir materialidade concretamente tangível, diferentemente dos demais aparelhos oriundos das novas tecnologias. “A “conservação” se deve ao livro, à biblioteca, ao que Michel Foucault chamava de arquivo. Graças ao livro, à biblioteca uma identidade fixou-se na permanência” (ZUMTHOR, 2014, p.65; grifo do autor).

Umberto Eco argumenta criticamente em relação à **função e preservação da memória** diante das novas tecnologias. Ele acredita na memória como sendo um tipo de músculo para o qual o novo funcionamento tecnológico não é positivo, visto que os novos aparelhos não exigem mais tanto exercício como antes. Nas palavras dele:

De fato, é importantíssimo esse tipo de exercício, pois estamos perdendo a memória histórica. Minha geração sabia tudo

² Realizada em 13 de março de 2010.

sobre o passado. Eu posso detalhar sobre o que se passava na Itália 20 anos antes do meu nascimento. Se você perguntar hoje para um aluno, ele certamente não saberá nada sobre como era o país duas décadas antes de seu nascimento, pois basta dar um clique no computador para obter essa informação. Lembro que, na escola, eu era obrigado a decorar dez versos por dia. Naquele tempo, eu achava uma inutilidade, mas hoje reconheço sua importância. A cultura alfabética cedeu espaço para as fontes visuais, para os computadores que exigem leitura em alta velocidade. Assim, ao mesmo tempo que aprimora uma habilidade, a evolução põe em risco outra, como a memória (ECO, 2010).

Nesse sentido, Eco parece receoso diante da velocidade de veiculação de informações e, acima de tudo, aparenta temeroso frente uma possível perda da memória histórica. Ao se refletir sobre ela, não há tanta necessidade de pânico, pois a ignorância pode ser sanada com algumas “tecladas”, ou seja, quando necessitarmos de determinados dados, poderemos recorrer às novas tecnologias para obtê-los. Outra solução é decorarmos em nossa memória – preferencialmente ao estilo behaviorista – com informações que poderiam ser obtidas em poucos segundos.

Se por um lado alguns acreditam, como Eco, que o livro é imprescindível, por outro existem os entusiastas da leitura virtual. É com uma matéria da revista “Superinteressante”³ intitulada “O novo livro” que somos surpreendidos por tamanha intencionalidade na inovação da leitura. De acordo com o autor da matéria – que não é senão uma entrevista com Bob Stein, o presidente do Instituto para o futuro do livro dos EUA – Eduardo Szklarz “A tecnologia mudará o jeito como encaramos a leitura”.

Dito isso, perguntas como “o livro vai acabar?”, “o que mudará para autores” e “ler e escrever vão deixar de ser momentos solitários?” são levantadas com respostas “incríveis”. Vamos sintetizar os pontos abordados na matéria de maneira geral.

O livro, de acordo com Szklarz, passará a ser, então, uma grande caixa de diálogo, quer dizer, um texto sempre se refazendo ao bel-prazer de seus “escritores”. Uma ideia interessante, porém, parece já existir e ter outro nome. Explicamos melhor, os blogs, os fóruns, o próprio *facebook* funcionam nessa lógica. Portanto, a novidade vai se concentrar nas plataformas de leitura digital, como diz Stein “(...) o livro estará em rede. As anotações que eu fiz em uma página ficaram visíveis para todos. Será uma nova forma de conversar” (vide anexo I). Talvez Stein não tivesse visto ainda o *facebook* (aparentemente já tinha sido criado na data da entrevista).

Seguindo esse esquema, o que poderia mudar para o autor é, entre outras coisas, perder seu direito de autoria e trabalhar por simples prazer, pois escrever parece, desde tempos idos, estar relacionado a um tipo específico de prazer do intelectual. Em geral, vamos deixar de ler e escrever solitariamente, pois, como afirma Stein, “ler e escrever sempre foram atividades sociais (...). Com a tecnologia vamos ter uma nova era de colaboração. O grupo valerá mais do que o indivíduo” (vide anexo I).

Em suma, vamos ler e escrever coletivamente, a leitura será uma grande discussão *ad infinitum* sob um mote dado por alguém em uma plataforma específica, quer dizer, a leitura será então interação virtual. Sob esse ponto de vista, poderemos ler “à vontade” muitas coisas e interagir com o que está escrito, podendo até mudar a “escritura”, conseqüentemente, todos serão autores. Então, muitos lerão filosofia, literatura, história e *et cetera* com outros olhos – com os próprios – *ex aequo et bono* alguém lendo “*Ecce Homo*” de Nietzsche poderá alterar o que não lhe aprazer, deixando a leitura mais deleitosa. “Daí se pode dizer que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação” (ORLANDI, 2008, p. 38). De fato, as novas tecnologias têm muito a contribuir para (modificar) as práticas de leitura hodiernas.

Portanto, percebemos que, embora as fontes sejam distintas, há pontos em comum como também certas divergências. É possível considerar as mudanças nas práticas de leitura oriundas

das novas tecnologias como libertadoras; Eco as considera relativamente negativas do ponto de vista da história, mas aparenta conhecer seu caráter inevitavelmente intrínseco; Stein supõe ser a revolução do modo como se lê. Em outras palavras, todos já estariam supostamente inseridos no admirável mundo novo da leitura, uns com mais cautela e outros muito mais eufóricos, mas todos demonstram reconhecer as mudanças como imperativos de nossa era.

Um contraponto

Não se pode deixar de considerar o caráter valorativo para a leitura e para o livro em nossa sociedade, porquanto “Mitifica-se o livro, portanto, a leitura: livro, objeto cultural de que se apropriam as classes dominantes; ler, direito exclusivo dessas classes” (SOARES, 2004, p. 24). A leitura é, por conseguinte, uma das mais significativas aquisições da civilização humana. Desde muito tempo poucos tinham acesso a esse saber, porém é na contemporaneidade que ler se torna uma ação relativamente simples ou acessível. Norbert Elias em *O Processo Civilizador* chama a atenção para um aspecto da História da sociedade ocidental, qual seja:

Do período mais remoto da história do ocidente até nossos dias, as funções sociais sob pressão da competição, tornaram-se cada vez mais diferenciadas. Quanto mais diferenciadas elas se tornavam, mais crescia o número de funções e assim, de pessoas das quais o indivíduo constantemente dependia em todas as suas ações (...) a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social (ELIAS, 1993, p. 195-196).

Disso podemos depreender que o processo civilizador se autoatualiza por diversos meios, por conseguinte, as novas tecnologias são, em certa medida, uma atualização de novas práticas. Todavia, como bem expõe Elias, as ações individuais foram ao longo do tempo adquirindo uma função social, como parece ser o caso da escrita e da leitura atualmente. Numa palavra, ler e escrever não só mudaram por conta das inovações tecnológicas, mas, isto sim, estão cada vez mais ganhando destaque como uma função social da qual “todos” podem participar. Acima de tudo, os novos aparatos, como as plataformas na internet, tem potencializado a leitura/escrita como ação social.

Em virtude de tamanha oferta e diversidade de forma que assumem os objetos culturais para leitura, a capacidade de manipular os mais diferentes tipos de textos nos mais diversos suportes é hoje uma grande ferramenta de aprendizagem e de leitura com as quais os jovens podem contar (CORSI, 2018, p. 70).

No caso da leitura ficam nítidas as contribuições da internet na ampliação de novas práticas de leitura. Nessa perspectiva, Castell traz um dado interessante:

Livros de referência e enciclopédias impressas estão sendo tirados do mercado pela internet, numa tendência que sublinha a importância dos usos educacionais e de busca de informação da internet, acima de sua função de entretenimento (2003, p. 163).

A internet mudou – e o continua fazendo – drasticamente o modo de ler e de escrever, nem o mercado passou incólume, aliás, esse incorporou a rede virtual como uma de suas aliadas. Contudo, a internet traz ainda inúmeras possibilidades de acesso ao saber, ao passo que pode acelerar a leitura e talvez superficializar a interpretação, sugere Curcino (2011, p. 190). Mesmo que a velocidade da leitura afete a interpretação, o que parece ser provável, nesse ponto, entre outros,

o aparato de ensino precisa intervir para fazer as necessárias e possíveis adequações.

Diante do efeito da nova tecnologia da internet e ignorando uma possível superficialização da interpretação, Dimantas e Lévy assumem posturas progressistas ao afirmarem respectivamente que:

A rede é a anfetamina das conversações. Esse parlatório está modificando toda a estrutura de poder. Pessoas comuns falando e desenvolvendo seus projetos pessoais repercutem novas ideias, desbalanceando as relações de mercado e nas empresas. A internet trouxe a ideia de revolução, com críticas inequívocas de como a sociedade moderna está estruturada. Romper paradigmas significa destruir os preconceitos nos quais estamos inseridos (DIMANTAS, 2010, p. 127).

Se ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede semântica e integrar ideias adquiridas a uma memória, então, as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica ou exteriorização dos processos de leitura (LÉVY, 1996, p. 49-50).

Portanto, a internet como uma das mais vigorosas representantes das novas tecnologias tem demonstrado impacto na leitura/escrita na medida em que permite, ou melhor, potencializa a realização da crítica à nossa sociedade. Assim, a tecnologia não pode ser ignorada no processo de formação de leitores, ou seja, merece ser contemplada em reflexões, pois como podemos compreender ela tem abalado a *religião dos sentidos* (do poder). É pensando por esse caminho que Cortella (2013, p. 35) afirma que “Ninguém em sã consciência rejeitaria a presença da tecnologia nos processos de educação”. Mas ele adverte “Não devemos recusar tolamente aquilo que nos ajuda a elevar nossa capacidade, tampouco achar que é um remédio universal que dá conta de todas as demandas” (ibid.). Contudo, é segundo uma visão essencial da leitura que entendemos o que nos cerca, pois “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p. 29).

Algumas considerações

A partir de uma visão geral da dimensão da leitura – nas novas tecnologias, em especial na internet – depreende-se que a atividade de leitura sempre “encantou” o homem, além de fazê-lo evoluir. “A leitura nos mantém interessados em conhecer, e mantém os textos interessados em sobreviver. A leitura, assim, é ato de criação, de recriação, de revitalização. Uma busca que nos ajuda a caminhar, mesmo que não encontremos o que buscávamos” (PERISSÉ, 2005, p. 26). Como diz Ponte (2007, p. 41), “Fica evidente também que a leitura e seus instrumentos progridem *pari passu* com a própria evolução do homem, seja na forma, seja no conteúdo, ou, ainda, na quantidade de material escrito colocado à disposição dos leitores.”

Isso quer dizer que as novas tecnologias são, de certa forma, a materialização dos avanços do homem, as quais, por sua vez, estão dialogando com possíveis formas de leitura.

Penso na mudança radical que aconteceu quando do surgimento da escrita, depois da imprensa e das artes da reprodução, como a gravura, depois a fotografia, o cinema. E até mesmo o celular, que hoje é uma pequena máquina de comunicação instantânea (TIBURI; HERMANN, 2014, p. 177).

Para Manguel (1997), porém, a leitura feita diretamente na tela do computador pode até significar um avanço tecnológico meramente instrumental, pois o método de leitura, na verdade,

remonta ao passado, essa nova modalidade assemelha-se aos rolos de pergaminho, pois fazer uma leitura na tela nada mais é do que “desenrolar” o texto por meio de um teclado ou um *mouse*. O texto impresso no papel, na forma de livro, representa uma facilidade, uma vez que:

Os primeiros fabricantes de livros achavam os métodos de leitura de rolos (como os métodos que usamos agora para ler em nossos computadores) limitadores complicados demais, por isso ofereceram-nos a possibilidade de folhear as páginas e escrevinhar nas margens (MANGUEL, 1997, p. 38).

Em contrapartida, hoje temos a facilidade do hipertexto, modalidade que auxilia o leitor a buscar termos ou conceitos que desconhece, embora sempre subordinado às pistas determinadas pelo autor do texto. Trata-se, portanto, de uma nova “arquitetura” modelar para os textos a qual oferece uma gama de possibilidades para leitura (ou mesmo de escrita no interior do próprio texto). “Graças à digitalização, o texto e a leitura receberam hoje um novo impulso, e ao mesmo tempo uma profunda mutação” (LÉVY, 1996, p. 50).

Desse modo, a visão das práticas de leitura pode e deve estar afinada com as mudanças tecnológicas que alteram a forma e o meio de abordagem e do acesso ao que se pode ou se pretende ler. Tendo isso em vista, esta é uma perspectiva para o hoje e quiçá para o futuro, já que ler implica abertura, experimentação, reflexão. Pois como afirma Eni Orlandi (2011, p. 210):

O leitor vai se formando no decorrer de sua existência, em suas vivências, em suas experiências de interação com o universo natural, cultural e social em que vive. A leitura é um ato cultural seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida.

Nesse sentido, a leitura é, portanto, uma atividade cultural do homem, que, apesar das mudanças do instrumental, é necessária ser por ele feita. “Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra” (PETIT, 2009, p. 13). As mudanças tecnológicas estarão sempre presente na vida dos indivíduos tanto para a construção e reconstrução individual do ser humano quanto para o desenvolvimento e reestruturação da sociedade.

As Luzes, que pensavam que Gutenberg tinha propiciado aos homens uma promessa de universal, cultivavam um modo de utopia. Elas imaginavam poder, a partir das práticas privadas de cada um, construir um espaço de intercâmbio crítico das ideias e opiniões. O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem, e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico (1999, p. 134).

Portanto, dentre todas as possíveis conclusões a que podemos chegar depois de observado posicionamentos relativamente conservadores e progressistas e suas vozes neste texto, não podemos olvidar esta: “A leitura se enriquece com a profundidade do olhar” (ZUMTHOR, 2014, p. 72.), não fosse assim de que valeria examinar as problematizações contemporânea da leitura, o espaço do livro e as novas tecnologias.

Figura 1

O novo livro A tecnologia mudará o jeito como encaramos a leitura. Ninguém mais vai julgar um livro pelo número de páginas, e sim por quanto tempo ele vem sendo escrito (um processo que poderá durar infinitamente). E o livro vai se transformar em um fórum, um espaço em que leitores trocarão ideias entre si e com os autores. É o que diz **Bob Stein**, presidente do Instituto para o Futuro do Livro, dos EUA. ■ TEXTO **EDUARDO SZKLARZ**

O que o livro digital vai criar?
Um novo tipo de relação social. O livro existe para difundir ideias, para que possamos falar delas. Mas hoje lemos um livro e conversamos depois, quando nos encontramos com outras pessoas. Com o livro digital, as duas etapas vão acontecer ao mesmo tempo. A conversa vai passar para as próprias páginas do livro.

Como assim?
E-readers, computadores e outras plataformas de leitura digital estarão conectados entre si, via internet. Eu estarei conectado a outros leitores que escolheram o mesmo título – ou seja, o livro estará em rede. As anotações que eu fizer em uma página ficarão visíveis para todos. Será uma nova forma de conversa. Comprarei um livro para minha neta e

deixarei notas para ela, que escreverá de volta para mim, por exemplo.

O que mudará para autores?
O autor de um livro em rede será o líder de um grupo. Ele lançará um tópico e comandará os leitores num empenho para ampliar o conhecimento, já que cada um fará anotações e iniciará suas próprias discussões. Alguns autores vão querer fazer um texto completo e colocá-lo em debate. Outros colocarão rascunhos que serão trabalhados pelos leitores.

Se um livro continuará sendo escrito depois de lançado, os leitores vão pagar por uma obra incompleta, então?
Acredito que um modelo que vai surgir é o de assinatura. As pessoas vão assinar um livro, e não comprar. Serão assinantes

da obra pelo tempo que quiserem – quando perderem o interesse na discussão, param de pagar. O mesmo vale para o autor. Ele seguirá editando o material por semanas ou anos. Vai se envolver com os leitores, e não com o assunto em si. No dia em que o assunto deixar de lhe interessar, ele deixará de receber. Ou talvez o livro se torne público. E as editoras de sucesso terão a capacidade de construir comunidades vibrantes em torno dos livros.

Ler e escrever vão deixar de ser momentos solitários?
Ler e escrever sempre foram atividades sociais. O costume de ler livros em voz alta durou até meados do século 19. Antes de Gutenberg permitir que tivéssemos cópias de um livro, o conceito de autor nem existia. Portanto, a noção de

que uma ideia é criada por alguém e recebida por outro é recente. Com a tecnologia, vamos ter uma nova era de colaboração. O grupo valerá mais do que o indivíduo.

O que falta para essa era?
Reinventar tudo o que faz o livro funcionar: editoras, livrarias, prateleiras. O esquema de venda hoje é dedicado ao impresso: vender um objeto para um só indivíduo. Claro, nem todos os leitores vão querer entrar na discussão em rede, e o estilo atual de leitura ainda vai existir. Mas ninguém criou um modelo para a leitura social. Exemplo: posso lançar uma pergunta a amigos como “Quero ler esse livro – quem quer ler comigo no fim de semana?” Isso vai acontecer. E ainda não sabemos como atenderemos a essa demanda. 5

Ilustração Mari Coan

SUPERNOVAS • JULHO 2010 SUPER 41

Referências

BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CORSI, F. M. O discurso dos jovens leitores: o posicionamento leitor e suas práticas de leitura. In: SOARES, T. B. (Org.). **Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados.** São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018.

CORTELLA, M. S. **Pensar bem nos faz bem!:** filosofia, religião, ciência e educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Ferraz & Cortella, 2013.

CURCINO, L. Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democráticas. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.) **Discurso, Semiologia e História.** São Carlos: Claraluz, 2011.

DIMANTAS, H. **Linkania: uma teoria de redes.** São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2010.

ECO, U. In: Eletrônicos duram 10 anos; livros, 5 séculos. **Estadão,** São Paulo, 13 mar. 2010, Cultura. Acesso: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700>.

ELIAS, N. **O processo civilizador.** Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, vol 2.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KANT, I. Resposta à Questão: O que é Esclarecimento? Trad. de Márcio Pugliesi. In: **Cognitio,** São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012.

LABARRE, A. **História do livro.** Trad. Maria Armanda Torres e Abreu. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1981.

LÉVI, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é leitura.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** 8 ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

PERISSÉ, G. **Elogio da leitura.** Barueri, SP: Manole, 2005.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Trad. Celina Olga de Souza. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PONTE, J. C. **Leitura: identidade e inserção social.** São Paulo: Paulus, 2007.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs.). 5 Ed. São Paulo: Ática, 2004.

TIBURI, M.; HERMANN, N. **Diálogo/Educação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

ZOARA, F. (org.) **Retratos da leitura no Brasil 4**. de. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em 23 de fevereiro de 2019.

Aceito em 26 de agosto de 2019.